



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

CLÉYSLA GEOVANA FERNANDES DA SILVA

**DESAFIOS DOS ALUNOS SURDOS: UMA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA SOBRE
O PROCESSO DA AQUISIÇÃO DA ESCRITA DO PORTUGUÊS COMO L2**

**GUARABIRA
2021**

CLÉYSLA GEOVANA FERNANDES DA SILVA

**DESAFIOS DOS ALUNOS SURDOS: UMA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA SOBRE
O PROCESSO DA AQUISIÇÃO DA ESCRITA DO PORTUGUÊS COMO L2**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Área de concentração: Educação Especial e Inclusiva

Orientador: Prof. Dr. Paulo Vinicius Ávila Nóbrega

**GUARABIRA
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586d Silva, Clêysla Geovana Fernandes da.

Desafios dos alunos surdos [manuscrito] : uma pesquisa bibliográfica sobre o processo da aquisição da escrita do português com L2 / Cleysla Geovana Fernandes da Silva. - 2021.

30 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação : Prof. Dr. Paulo Vinicius Ávila Nóbrega, Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Português com L2. 2. Aquisição da escrita. 3. Educação dos surdos. I. Título

21. ed. CDD 371.9

CLÊYSLA GEOVANA FERNANDES DA SILVA

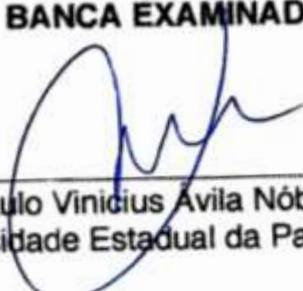
DESAFIOS DOS ALUNOS SURDOS: UMA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA
SOBRE O PROCESSO DA AQUISIÇÃO DA ESCRITA DO PORTUGUÊS
COMO L2

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento do
Curso de Pedagogia da Universidade
Estadual da Paraíba (UEPB), como
requisito parcial à obtenção do título
de Licenciada em Pedagogia.

Área de concentração: Educação
Especial e Inclusiva

Aprovado em: 04 / 10 / 2021.

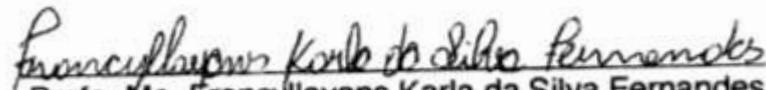
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Paulo Vinicius Avila Nóbrega (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Karla Valéria Araújo Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Francyllayans Karla da Silva Fernandes
Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ)

À comunidade surda, que enfrenta ainda grandes barreiras para um ensino especializado, que atenda às suas reais necessidades, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, por ser esse pai grandioso em minha vida e me conceder grandes realizações, assim como essa.

À Virgem Maria, por ser meu amparo, a minha companheira de todos os momentos da minha jornada.

Ao professor Dr. Paulo Vinicius Ávila Nóbrega, pelas orientações ao longo dessa pesquisa e por toda a dedicação na realização deste trabalho.

Aos meus pais, Luiz Gonzaga e Maria Cleone, por serem grandes exemplos que me motivam como pessoa, e por todo o incentivo e apoio em minha formação.

À minha irmã, Kíssila Layane, por toda parceria, companheirismos, e apoio nesse processo de produção.

Aos meus amigos e colegas, que compartilharam comigo essa trajetória, e principalmente as minhas amigas, Louise Karla e Thereza Saturnino, que estiveram ao meu lado me ajudando, me apoiando e sendo suporte nesse processo.

Às minhas companheiras e amigas de turma, Raíssa, Rossanna e Isadora, por toda amizade construída no decorrer da formação, e todos os momentos vividos e aprendizados compartilhados. Vamos juntas, sempre.

A todos os docentes do Curso de Pedagogia, Campus III, que contribuíram ao longo de toda a formação, por meio das disciplinas e debates, que criou em mim o desejo para o desenvolvimento desta pesquisa.

E a todos que me ajudaram direta e indiretamente, que torciam por essa conquista e incentivaram na minha formação.

“[...] nada deve ser recusado aos surdos, que todas as linguagens podem ser utilizadas, sem guetos nem ostracismos, para que possam ter acesso à VIDA”
(LABORIT, 2000, p. 07)

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Implicações no processo de ensino da L2 para surdos	19
Quadro 2 – Relação de trabalhos selecionados para análise	22
Quadro 3 – Resultados encontrados.....	23

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Dados iniciais da pesquisa.....	22
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL	Língua de Sinais Americana
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LSB	Língua de Sinais Brasileira
LSF	Língua de Sinais Francesa
LP	Língua Portuguesa
L1	Primeira Língua
L2	Segunda Língua
SCIELO	<i>Scientific Eletronic Library</i>

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	A EDUCAÇÃO DOS SURDOS NO BRASIL: UM BREVE HISTÓRICO	12
3	AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: UMA PERSPECTIVA DA L1	15
4	PORTUGUÊS COMO L2 NA EDUCAÇÃO DOS SURDOS	18
5	PERCURSO METODOLÓGICO	21
6	RESULTADOS E DISCUSSÕES	21
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
	REFERÊNCIAS	27

DESAFIOS DOS ALUNOS SURDOS: UMA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA SOBRE O PROCESSO DA AQUISIÇÃO DA ESCRITA DO PORTUGUÊS COMO L2

CHALLENGES OF DEAF STUDENTS: A BIBLIOGRAPHIC RESEARCH ON THE PROCESS OF ACQUISITION OF PORTUGUESE WRITING AS L2

Clêysla Geovana Fernandes da Silva¹

RESUMO

O artigo 4º da Lei 10.436/2002, dispõe que o surdo além da Libras como sua língua, por obrigatoriedade deve adquirir o domínio da Língua Portuguesa em sua modalidade escrita. O Português não deverá de forma alguma tomar o lugar de sua língua natural, desse modo, precisa-se que o surdo consiga domínio da língua oficial do seu país. Neste caso, o Português, é para o surdo como uma língua estrangeira, e o servirá como uma segunda língua (L2), para que não seja um estrangeiro dentro do seu próprio país. Entretanto, percebe-se que esse processo não se dá tão facilmente, devido às dificuldades encontradas no decorrer do processo de aprendizagem do Português escrito. Diante disso, o presente trabalho de conclusão de curso pretendeu, por objetivo geral, identificar os desafios encontrados no processo de aquisição da escrita pelos surdos, e por objetivos específicos, propomos compreender os motivos que têm ocasionado dificuldades no domínio da modalidade escrita em Português pelos surdos; investigar se as práticas no processo de ensino dos surdos têm sido eficazes na aquisição da escrita do Português como L2; e analisar quais as principais razões que fazem com que muitos deles não consigam um pleno domínio na aquisição do Português padrão escrito. À vista disso, desenvolveu-se através de pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, o qual foi realizada a partir de busca nos bancos de dados da *Scientific Eletronic Library Online* (SCIELO), Periódicos Capes e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) utilizando como descritor: aquisição da escrita por surdos. Os critérios de inclusão trataram-se de artigos científicos, teses e dissertações com a temática do estudo, escritos no idioma do Português, publicados entre os anos de 2016 e 2021. A partir dos resultados selecionados para a pesquisa, foi possível observar que de fato encontram-se dificuldades ao tratarmos do ensino do Português em sua modalidade escrita. O ensino do Português para os surdos só se faz possível quando existe uma interação com a sua primeira língua sendo utilizada como suporte de sentido. Ainda assim, é visto que a maioria dos surdos chegam às escolas sem o domínio da sua L1, dificultando ainda mais e trazendo empecilhos na aquisição da segunda língua. Em razão disso, espera-se que esse estudo contribua para o campo da pesquisa, e que a partir dele possam se desenvolver outros olhares e inquietações que se preocupem com a ótica do ensino significativo para os surdos.

Palavras-chave: Português como L2. Aquisição da escrita. Educação dos Surdos.

ABSTRACT

¹ Graduanda em Licenciatura Plena no curso de Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

The article 4 of Law 10.436/2002, provides that the deaf person has in addition to Libras as their language, by obligatory must acquire the mastery of the Portuguese language in its written modality. Portuguese will not be able to take the place of its natural language, thus, it is necessary that the deaf acquire mastery of the official language of their country. In this case, Portuguese is for the deaf as a foreign language, and will serve as a second language (L2), not to be a foreigner within their own country. However, this process does not occur so easily, due to the difficulties encountered in the learning process of written Portuguese. Than the present work at the end of course intended, by goal general, to identify the challenges found In the process of acquisition of writing by the deaf and by specific goal, we propose to understand the reason what brought difficulties in the mastery of the written modality in Portuguese by the deaf; to investigate if the practices in the deaf teach process it has been effective in the Portuguese writing acquisition as L2; and to analyze what are the main reasons why many of them cannot get to fully master the acquisition of written standard Portuguese. Therefore, the present study aimed to identify the challenges encountered in the process of acquisition of writing by the deaf. As a result, it was developed through bibliographic research, with a qualitative approach, which was performed by searching the databases of the Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Capes journals and the Digital Brazilian Library of Theses and Dissertations (BDTD) using as a descriptor: acquisition of writing by the deaf. The inclusion criteria were scientific articles, theses and dissertations with the theme of the study, written in the language of Portuguese, published between 2016 and 2021. From the results selected for the research, it was possible to observe that in fact there are difficulties when dealing with the teaching of Portuguese in written modality. Teaching Portuguese to the deaf is only possible when there is an interaction with their first language being used as a support for meaning. Still, it is seen that most of the deaf arrive in schools without mastery of their L1, making it even more difficult and hindering the acquisition of the second language. Because of this, it is hoped that this study will contribute to the field of research, and that from it other looks and concerns may develop, that concern themselves with the perspective of teaching significant for the deaf.

Keywords: Portuguese as L2. Writing acquisition. Deaf education.

1 INTRODUÇÃO

Ao refletir sobre a aquisição da modalidade escrita de uma língua, como a da Língua Portuguesa, por uma pessoa ouvinte, identificamos que se trata de um processo que ocorre tendo por base uma linguagem oral, sendo a escrita a responsável por representar o próprio som, pois se conhecendo o som, faz-se a referência ao seu sinal gráfico escrito, ou seja, as letras.

Tratando-se de uma pessoa ouvinte, ela consegue estabelecer a relação do som que ela ouve com o sinal gráfico que o representa. Refere-se, portanto, ao processo mais comum de alfabetização de crianças nas salas de aulas do Brasil: apresenta-se o som, que a criança já conhece, pois, ela já chega na escola sabendo falar, e mostrar-se em seguida o sinal gráfico responsável por representar esse som.

Entretanto, essa é uma atividade extremamente difícil para uma pessoa que não pode ouvir, ou seja, um surdo. Pois, este individuo não poderá estabelecer relações entre som e sinal gráfico, visto que ele não reconhecerá os sons. Logo,

entendemos de antemão que é necessária uma alteração metodológica para a experiência da pessoa surda, tal como é a língua falada para as crianças ouvintes.

Ao nos depararmos com os desafios que os surdos têm enfrentado ao longo do percurso histórico, e que ainda enfrentam atualmente, para que possam dispor de fato de uma comunicação própria, havendo um modo pelos quais os proporcionem adequações às suas necessidades e a possibilidade de uma forma para se expressarem, nota-se uma longa jornada de repúdio e de segregação, até mesmo da sua natureza humana.

A Língua de Sinais possibilitou uma interlocução entre a pessoa surda e outros surdos, assim como, fazendo possível o interagir e gerar diálogos a partir dos sinais. Desta forma, a língua de sinais nasce para os surdos como um símbolo de libertação, em decorrência de toda a sua história de repressão e de exclusão na sociedade.

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) chega ao Brasil influenciada pela Língua de Sinais Francesa (LSF) como também a Língua de Sinais Americana (ASL) e torna-se reconhecida e legalizada no Brasil como a língua oficial e natural dos surdos brasileiros. Com o validar da Lei 10.436/2002 (BRASIL, 2002), que possibilitou a obrigatoriedade de um meio legal e real de comunicação e expressão para com os surdos, ela se torna o meio de comunicação principal da comunidade surda no território nacional.

Desse modo, assim como o Português é para os ouvintes, a Língua de Sinais é para o surdo, ou seja, ela é a língua natural de toda pessoa surda, e a mesma possui uma estrutura e natureza próprias de ordem visual-motora e uma gramática própria, possibilitando ser um meio de comunicação legal, assim como qualquer outra língua. Nela se faz possível que os surdos vivenciem suas experiências visuais e as compartilhem entre eles.

Mesmo compreendendo que a Libras possui uma estrutura diferenciada comparada às línguas orais, sobretudo pela sua natureza viso-espacial, isso não interfere que o surdo tenha domínio de uma outra língua, mesmo sendo de natureza oral, a qual podemos destacar o Português em sua modalidade escrita, pois, ainda que o mesmo se sinta completo com sua língua, tem como obrigatoriedade, de acordo com o parágrafo único do art. 4º da Lei 10.436/2002 (Brasil, 2002) citada acima, ter domínio do Português em sua modalidade escrita.

A Língua de Sinais como primeira língua (L1) propiciará ao surdo um suporte de sentido na sua alfabetização e no processo de aquisição da modalidade escrita do Português. Porém, de forma alguma o Português poderá tomar o lugar de sua língua natural, a sua obrigação se faz para que o surdo consiga o domínio da língua do seu país, neste caso, o Português na modalidade escrita, que é para o surdo como uma língua estrangeira, e o servirá como segunda língua (L2), pois, compreende-se que o surdo é como um estrangeiro dentro do seu próprio país.

Entretanto, percebemos que esse processo não se dá tão fácil como se pretende, pois, mesmo com todas essas reflexões, o surdo ainda encontra muita dificuldade para atingir o domínio do Português escrito. Por isso, mediante o exposto e buscando uma reflexão em torno dessas questões, este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo geral identificar os desafios encontrados no processo de aquisição da escrita pelos surdos.

Através dessa reflexão, sabendo dos obstáculos que se enfrentam na educação dos surdos, adentraremos no universo da pesquisa, almejando responder a seguinte problemática: quais os desafios encontrados no processo de aquisição da escrita do Português como L2?

Por objetivos específicos, propomos compreender os motivos que têm ocasionado dificuldades no domínio da modalidade escrita em Português pelos surdos; investigar se as práticas no processo de ensino dos surdos têm sido eficazes na aquisição da escrita do Português como L2; e analisar quais as principais razões que fazem com que muitos deles não consigam um pleno domínio na aquisição do Português padrão escrito.

Deste modo, trazemos como hipótese de nossa pesquisa que as pessoas surdas apresentam dificuldades de domínio da modalidade escrita padrão da Língua Portuguesa, pois as práticas pedagógicas e os processos de ensino não favorecem a aquisição da escrita padrão da Língua Portuguesa para pessoas surdas e isso se torna um desafio, pois, o Português é uma linguagem ao qual se assemelha à sua forma oral, sem relação direta com a língua de sinais.

Como parte do processo metodológico, este trabalho apresenta uma abordagem qualitativa com um procedimento técnico de pesquisa bibliográfica, que é um método reconhecido como eficiente para o campo da produção científica e que proporcionou e evidenciou ao desenvolver dessa pesquisa. Para tal, buscamos materiais científicos através de bancos de dados com confiabilidade e renome dentre as plataformas digitais.

Observando a realidade presente da escrita de grande parte dos surdos, como, por exemplo, a partir de registros acessíveis nas redes sociais, verificamos que existem diversos desvios ortográficos existentes em sua escrita, provando assim que a maioria destes apresentam grandes dificuldades para dominar a modalidade escrita da LP (Língua Portuguesa). Pautados em torno deste relevante fator, nos deteremos em apresentar respostas categóricas aos grandes motivos pelos quais as pessoas surdas apresentam dificuldades na aquisição da língua escrita.

A presente pesquisa se desenvolverá a partir da exploração bibliográfica de teóricos estudiosos que refletem acerca da aquisição da escrita por pessoas surdas, e tomaremos por base alguns autores que fundamentaram o corpo do nosso estudo, a saber, Quadros (1997), Ferreira Costa (2001), Fernandes (2006), Schmiedt & Quadros (2006) e Pereira & Rocco (2009).

Este trabalho encontra-se dividido em sete seções, incluindo esta que se apresenta uma introdução inicial. A seguir teremos os pressupostos teóricos, na segunda seção, nomeada “A educação dos surdos no Brasil: um breve histórico”, buscamos descrever como ocorreu a educação dos surdos no Brasil. Na terceira seção intitulada “Aquisição da linguagem: uma perspectiva da L1”, refletimos acerca dos percursos da aquisição da linguagem referente a L1, tanto de um ouvinte quanto de um surdo, e na quarta seção, denominada “Português como L2 na educação dos surdos”, procurou-se compreender o Português com L2 para os surdos.

Na quinta seção, traremos o percurso metodológico realizado nessa pesquisa para compreendemos todo o andamento para a obtenção dos resultados. Logo em seguida, teremos a descrição dos resultados e as discussões localizados na sexta seção. Por fim, as considerações finais com tudo o que ocasionou como reflexão para a conclusão deste trabalho, como também as referências que deram subsídios e relevância para alcançar os resultados e foram imensamente primordiais para a realização desse trabalho.

2 A EDUCAÇÃO DOS SURDOS NO BRASIL: UM BREVE HISTÓRICO

A educação dos surdos no Brasil, ainda é uma temática bastante retratada e discutida perante o panorama histórico e a realidade assistida atualmente. Nesse percurso destacado, da escolarização no surdo no Brasil, assim como toda sua história desde os primórdios, passou-se em cenários de lutas e enfrentamentos no decorrer da história, para se conseguir e garantir espaço, valorização, reconhecimento e respeito.

Antes da Língua Brasileira de Sinais (LBS) ter sido reconhecida como Língua de sinais da comunidade surda brasileira como Libras, e ser legalmente assegurada nacionalmente, começou-se a reconhecer da necessidade de uma língua própria para os surdos existentes naquela época. Apresentou-se grande influência da LSF, e como também da ASL, a partir da chegada do professor francês surdo E. Huet, que veio para o Brasil a pedido de Dom Pedro II, onde começa a escolarização dos surdos na Imperial Instituto de Surdos-Mudos em 1857, hoje intitulado Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), sediado no Rio de Janeiro.

A educação dos surdos, começa de fato a partir do ensino da LSF e de alguns registros já presentes de um sistema de sinais que eram utilizados por alguns surdos no território brasileiro. Esses sinais já existentes, futuramente se tornaria a Libras. Para Quadros (1997), a educação dos surdos no Brasil, pode ser destacada em três grandes momentos que demarcaram a sua trajetória de um ensino especializado.

O primeiro momento, começou a partir do II Congresso Internacional em Milão em 1880, que definiu o oralismo como o método eficaz para a educação dos surdos. A partir disso, o Brasil promoveu mudanças e introduziu a prática Oralista no ensino dos surdos. Esse momento, pode ser descrito como a supressão da língua de sinais e o impedimento dos surdos sinalizarem.

A filosofia Oralista propusera promover um inserir da linguagem oral, a partir do treinamento da fala, leitura labial e entre outros exercícios e métodos, entendia-se que o surdo conseguiria alcançar a “cura”. A surdez era vista como uma patologia, um problema nesse momento, por isso procuravam maneiras de minimizar suas condições de deficiência. Assim como os descreve Andrade, Pinheiro e Lima (2019), sobre esse momento:

Nesse sentido, o trabalho era de recuperação auditiva, tratamento de reabilitação e exercícios mecânicos. O professor era mero treinador de fonemas e o aluno deveria empreender todos os esforços possíveis para realizar uma boa leitura labial. (ANDRADE; PINHEIRO; LIMA, 2019, p. 38)

Diante disso, podemos ver que o surdo era totalmente impedido de sinalizar, a partir desse método, em que apenas práticas orais eram desenvolvidas, resultando em um grande retrocesso na educação dos surdos. Após anos de sofrimento, o fracasso e os resultados contrários sobre esse método de ensino, possibilitaram um novo momento que foi a Comunicação Total, na década de 70 (LACERDA, 1998).

A Comunicação Total veio para restaurar o cenário deixado pelo fracasso do oralismo, e buscava a liberdade de uma comunicação livre. Entretanto, continuava-se na premissa deixada pelo Oralismo de que a fala oral seria a única forma de expressão de pensamentos. Sendo assim,

[o] que a comunicação total favoreceu de maneira efetiva foi o contato com sinais, que era proibido pelo oralismo, e esse contato propiciou que os surdos se dispusessem à aprendizagem das línguas de sinais, externamente ao trabalho escolar. Essas línguas são freqüentemente usadas entre os alunos, enquanto na relação com o professor é usado um misto de língua oral com sinais (LACERDA, 1998, p. 6-7).

Mesmo com a mudança de cenário da metodologia da Comunicação Total que modificou as práticas Oralistas, ainda percorria percalços na vida social e no meio educacional do surdo. Ainda nesse período, os estudos sobre a perspectiva bilíngue começaram a ganhar força e ter avanços, e com o crescimento da língua de sinais, começaram a se preocupar com a vida social e cultural da comunidade surda. Foi desse modo, que o bilinguismo começou a ser valorizado pois como afirma Lacerda, “[...] a proposta de educação bilíngüe, que busca contemplar o direito lingüístico da pessoa surda de ter acesso aos conhecimentos sociais e culturais em uma língua na qual tenha domínio” (1998, p. 1).

O Bilinguismo surgiu como a terceira fase da educação dos surdos e se estrutura a partir do fracasso deixado pelo Oralismo e a Comunicação Total. Sob a perspectiva do ensino bilíngue, o surdo poderia utilizar e dominar a língua de sinais, conseguindo sua identidade e autonomia, e ainda ser um indivíduo bicultural por estar inserido em duas culturas diferenciadas. (QUADROS, 1997).

Com a influência da mudança internacional, o Brasil passa a estruturar a implantação do novo método de ensino. Em 1987, funda-se a FENEIS- Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, reunindo os surdos da época para mobilizar-se na luta política por direitos sociais e linguísticos (QUADROS; LEITE, 2014).

A possibilidade de uma Língua de Sinais Brasileira, começou-se por volta de 1983, a partir da pesquisadora da área de linguística aplicada Ferreira Brito, que se preocupava com a educação dos surdos no Brasil, tendo em conjunto as ações da FENEIS. Quadros e Leite (2014), afirma não ter registros documentais de línguas de sinais originalmente brasileira, mas decorrente da necessidade de utilização de uma LS, a educação dos surdos no interior do INES, já utilizavam uma língua de nacionalidade brasileira, por volta do século XIX.

Do ponto de vista legal, só com a sanção da Lei 10.436 de Abril 2002, a Língua Brasileira de Sinais é legalmente reconhecida em todo território brasileiro, sendo meio legal de comunicação e expressão dos surdos. Segundo a lei:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema 21 lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

Partindo dessa conquista, de uma língua própria para a comunidade surda brasileira, despertou-se um panorama legal de uma educação seguida pelas perspectivas do bilinguismo. Em 2005, acontece uma regulamentação da Lei 10.436 de abril 2002, a partir do Decreto nº 5.626, que reorganizou a educação dos surdos, e estabeleceu o Português na modalidade escrita como segunda língua para o aluno surdo. Regulamento pelo artigo que consta:

Art. 13. O ensino da modalidade escrita da Língua Portuguesa, como segunda língua para pessoas surdas, deve ser incluído como disciplina curricular nos cursos de formação de professores para a educação infantil e para os anos iniciais do ensino fundamental, de nível médio e superior, bem como nos cursos de licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa (BRASIL, 2005).

Ainda no capítulo VI do Decreto 5.626/05 (BRASIL, 2005), fomenta-se que as instituições federais de ensino encarregadas pela educação básica têm que garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva e nos incisos I e II esclarecem essa organização:

I - escolas e classes de educação bilíngüe, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngües, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;

II - escolas bilíngües ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade lingüística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa. (BRASIL, 2005).

Esse ensino da LP como L2 partiria do modelo bilíngüe, assim como regulamenta no decreto citado acima, os surdos teriam direitos de cidadania e o domínio de duas línguas, sua língua própria mais a língua nacional do seu país. Sendo que a Língua Brasileira de Sinais, a Libras, teria utilidade principal e a Língua Portuguesa a modalidade de escrita visual.

Na sessão seguinte, compreenderemos os processos de aquisição da linguagem para o domínio da sua primeira língua, bem como as semelhanças desse momento e as etapas que se percorrem.

3 AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: UMA PERSPECTIVA DA L1

A aquisição da linguagem vem tomando destaque crescente no campo da pesquisa, mesmo sendo estudada há bastante tempo, logo já abarca uma vasta corrente de pesquisa, porém, ela ainda se torna um dos destaques atuais e, conseqüentemente, nos faz experienciar a aquisição da linguagem a partir sempre de um novo olhar, de uma nova matriz, nos fazendo apreciadores de novas teorias nessa área.

Os seres humanos já sentiam necessidades de comunicação desde muito tempo. Estudiosos relatam que o homem primitivo nesse momento se expressava a partir de meios adotados de comunicação, mesmo não havendo registros de uma língua sonora pré-existente durante aquele período. Portanto, eles utilizavam de meios de gestos ou sinais emergentes para poderem se expressar para outras pessoas, a título de exemplo, as pinturas rupestres, que foram uma das habilidades que dispuseram, mostrando assim uma das primeiras formas de diálogo.

Prematuramente já somos feitos de linguagem, desde o nosso pulsar de vida humana começamos a ser seres comunicadores. Interagimos com tudo ao que está ao nosso redor, e nos comunicamos diariamente e em qualquer lugar que estivermos. A linguagem está ligada em uma relação indissociável diretamente com homem, se manifestando a cada fala, movimentos facial e corporal, gestos, olhares e em todas as formas de expressão.

Durante a vida intrauterina, o bebê já é capaz de se comunicar com a mãe utilizando os sentidos. Após o nascimento, as crianças apresentam a habilidade de se comunicar através do choro, habilidade esta que também é a sua primeira maneira de comunicação. Antes de usar a fala para se expressar, as crianças começam utilizando olhares, expressões faciais e gestos, além de conseguirem

desde cedo da capacidade de distinguir os sons da fala para estabelecer uma comunicação com outras pessoas (GURJÃO, 2013).

Conseqüentemente, desde que interagimos socialmente somos detentores de uma linguagem e capazes de nos comunicarmos sem mesmo o balbúcio de nenhuma palavra se quer. Por isso estabelecemos uma interação com o mundo e nos comunicamos ainda quando bebês, assim como afirmação Ávila-Nobrega (2018, p. 31), “[a] essência de uma língua está no fenômeno social de interação. E esse fenômeno é iniciado enquanto um bebê ainda está acolhido no útero materno, por meio da interação estabelecida pela gestante”.

Baseados pelo pressuposto descrito por Quadros (1997), no qual relata sofrer influência de uma abordagem linguística, fundamentada por Chomsky, sobre a aquisição da linguagem, que também seremos levados a nos permear sobre essa mesma base, compreenderemos assim que de fato tudo que chamamos linguagem é um mecanismo cognitivo mental da capacidade humana. Dessa forma,

[a] concepção desenvolvida aqui que a aquisição da linguagem somente é possível em seres humanos por serem dotados de uma capacidade linguística mental geneticamente determinada (a faculdade da linguagem – *I-language*). O ambiente e a interação social apresentam importância inquestionável para o desenvolvimento da *E-language* (QUADROS, 1997, p. 69).

Construímos um suporte de linguagem interagindo diariamente no ambiente que se convive, trazemos influências a partir do meio social e familiar, e vamos nos tornando cada dia mais comunicadores. Portanto, como resultado disto, criamos relações dialógicas a cada dia mais, e é por esse modo que estamos sempre à procura de novas formas e métodos que nos permitam dialogar, um exemplo disso são as novas tecnologias.

É quase impossível pensar no homem, em que já estamos familiarizados atualmente, sem que houvesse a linguagem, em um ser desprovido de linguagem, está que nos permite a tanto em nossa vida. E é por isso que os bebês já fazem o uso da linguagem em seu campo de possibilidades, mecanizando o que intuitivamente somos capazes de realizar. Assim como nos faz refletir Ávila-Nobrega (2018, p. 33):

Nós seres humanos, existimos por e para uma convivência social. Sem isso nos anularíamos, adoecemos e deixamos de ser aquilo que somos. O processo de atenção, interação e negociação de sentidos, por exemplo, é o caminho pelo qual nos tornamos sujeitos reais. E isso só acontece devido a linguagem. Isso é dialogia.

Procuramos meios de comunicação real, pois necessitamos produzir uma interação para vivermos em sociedade. A Interação com o mundo vivenciado, permite que comecemos a captar as formas de linguagem produzidas ao nosso redor, e isso acontece naturalmente. Como afirma Quadros (1997, p. 63), “[a] criança, portanto, não aprende a linguagem porque generaliza esses processos, mas sim porque ela está diante de um ambiente que lhe permite acessar esse conhecimento, assim como acontece com as demais áreas do desenvolvimento”.

O processo de aquisição da linguagem traduz características da natureza humana, pois a necessidade de se expressar é própria do ser. Em detrimento disso, passamos por períodos na aquisição da linguagem, podendo ser entendida como a forma inicial da criança socializar-se e, geralmente, os pais são os responsáveis por desempenhar o papel de apresentá-la aos filhos durante atividades do cotidiano por

meio de orientações verbais ou através de histórias que apresentem princípios culturais.

Segundo Grolla (2009), o ato de aquisição da linguagem é rápido e universal. As crianças aprendem uma língua ainda muito pequenas, e é cerca dos 4 anos de que toda a multiplicidade de uma língua é aprendida. Ainda segundo Grolla (2009), afirma que a capacidade de aquisição natural da linguagem que toda criança normal adquire, sem qualquer categoria de treinamento, é chamada universalidade da linguagem. De igual forma, acontece com crianças com características surdas, e autores como Quadro (1997), definem que esse processo acontece similarmente quanto a aquisição da L1.

Estudos desenvolvidos primariamente por clássicos como Quadros (1997), e com uma trajetória semelhante descrita por Slobin (1980) sobre a aquisição da linguagem de sinais em crianças surdas, filhas de pais surdos, evidencia que essa pode ser equiparada à aquisição das línguas faladas em diversos sentidos. Os estágios de aquisição da linguagem adotados nesses estudos são subdivididos em: período pré-linguístico; estágio de um sinal; estágio das primeiras combinações e estágio de múltiplas combinações. Isso se evidencia a partir da perspectiva da interação do convívio que essa criança se encontra desde o seu nascimento e, em detrimento disso, essa visão não se efetua da mesma forma quando se trata de crianças com o convívio de ouvintes.

Durante o período pré-linguístico, os dados dos autores mostram um desenvolvimento paralelo do balbucio oral e do balbucio manual. Os bebês surdos e os bebês ouvintes apresentam os dois tipos de balbucio até um determinado estágio e desenvolvem o balbucio da sua modalidade. Os estudos afirmavam ainda que as crianças surdas balbuciavam (oralmente) até um determinado período. As vocalizações são interrompidas nos bebês surdos, assim como as produções puramente manuais são interrompidas nos bebês ouvintes, sendo que o insumo linguístico favorece o desenvolvimento de um dos modos de balbuciar.

Segundo Quadros (1997), o estágio de um sinal surge em média aos 12 meses da criança surda e segue até por volta dos 24 meses. No início deste estágio, tanto a criança ouvinte quanto a criança surda, interrompem a indicação de pessoas e objetos através do ato de apontar. É neste estágio que a criança surda passa a visualizá-la como parte do sistema gramatical da linguagem e inicia as primeiras produções em Libras, da mesma forma que as crianças ouvintes começam a expressar as primeiras palavras. Já no estágio das primeiras combinações, que inicia em torno dos dois anos de idade, surgem as combinações iniciais de sinais e as crianças passam a usar o sistema pronominal e o estabelecimento da ordem das palavras.

Por fim, o estágio de múltiplas combinações, que acontece por volta dos dois a três anos de idade, consiste na chamada explosão de vocabulário, em que as crianças começam a fazer o uso de formas mais características para distinguir verbos e nomes.

Nessa sessão, foi possível compreendemos que os surdos passam por estágios característicos no processo de aquisição da sua língua dominante, por isso, revelaram-se primordiais no processo da conquista de uma comunicação efetiva no seu idioma. Ainda como afirma Quadros (1997), a língua de sinais pode ser adquirida de forma natural assim como as línguas faladas, porém se faz necessário que esse contato com a língua de sinais aconteça o quanto antes, para que esse processo se dê de forma espontânea, assim como de um ouvinte, para que não haja um atraso desse processo.

No que diz respeito a língua oral por uma criança surda, para que possa ser adquirida requer de processos formais e sistemáticos devido às especificidades dessas crianças. Assim, o processo de aquisição da linguagem para surdos através de uma proposta bilíngue, considera que a Libras deve ser a primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa na modalidade escrita se caracteriza como sua segunda língua (L2). Deste modo, veremos a seguir como ocorre esse ensino do Português para os surdos, já que se trata de uma língua sonora, e entenderemos suas propostas e métodos para um ensino de uma segunda língua.

4 PORTUGUÊS COMO L2 NA EDUCAÇÃO DOS SURDOS

A proposta bilíngue, evidencia o ensino do Português como segunda língua para os surdos, o que implica dizer que a Libras compõe como sua L1 e o Português como L2 na modalidade escrita. Assim, compreende-se ser o mesmo ideário do ensino de uma língua estrangeira, em que o surdo já possui uma língua própria da sua cultura com aspectos linguísticos. Arruda (2008), destaca que o ensino do Português através do modelo bilíngue baseia-se nas técnicas de uma segunda língua, por meio de que valorizam-se as características psicossociais, culturais e linguísticos dos surdos.

No processo de domínio do Português pelos surdos, a evolução na produção da forma escrita não deve ser entendida como apropriação de uma metodologia que há abdicação das características de sua primeira língua (língua de sinais). A apropriação de uma língua como L2 não consiste no abandono da primeira (L1), e a utilização com mais frequência de uma ou outra, resultará das necessidades das práticas sociais de produção textual, em que são inseridas. Não se é possível afirmar que entre as duas línguas há hierarquias, pois as duas línguas são semelhantemente ricas e ambas se desenvolvem a partir de construções simples para construções gradualmente mais complexas (COSTA, 2002).

Nesse viés, podemos entender o método de aquisição do Português escrito para a criança surda como algo prescindível, pois assim como nos descreve Arruda (2008), o método de ensino do Português da modalidade escrita, possibilita muito mais do que terem domínio da língua nacional, mas, traz como objetivo principal o desenvolvimento da pessoa surda quanto no panorama linguístico quanto no cognitivo, com a intenção de introduzi-los dentro da sociedade e valoriza-los enquanto ser dotados de capacidades e possibilidades como qualquer outro.

A estrutura do ensino do Português como L2 não se deve basear a partir do ensino da criança ouvinte, pois, apesar do surdo não conhecer previamente a língua do país, ele já possui o domínio de uma língua que lhe permite o funcionamento. Mediante a isso, a aquisição da L1 é essencial, se fazendo preciso da língua de sinais para desenvolver a linguagem do pensamento, e a L2, necessita-se, pois garante valer seus direitos perante a sociedade ouvinte (QUADROS, 1997).

Esse meio valoroso de implementação de uma nova língua para o surdo, não acontece da mesma forma de um ouvinte, pois o ouvinte já tem o domínio da modalidade oral do Português, e por isso se torna muito fácil quanto a aquisição dessa Língua na qual já utiliza, e o surdo não a conhece na forma oral. Como afirmam Pereira e Rocco (2009), essa alfabetização da criança surda ocorre por um meio diferenciado, pois ela terá um intermédio de sua língua natural, para dar sentido ao que não se conhece na forma oral, e sendo a partir da Língua de Sinais, que elas entendem o que estar representado a partir das palavras.

Desse modo, o ensino do Português da modalidade escrita deve ser intermediado a partir da sua língua principal. Abreu (2020), refere-se que esse

processo é conhecido como interlíngua, onde o Português tem o auxílio da Libras como meio facilitador de suporte de sentido. Dessa maneira, compreendesse que de fato o ensino do português só se efetiva com métodos e práticas de ensino que coloquem a Libras no meio desse processo, pois contrário a isso, o português na modalidade escrita partiria apenas de meras codificações de palavras. Assim, se faz preciso pensar em um ensino refletido nessa perspectiva, como destaca as autoras Pereira e Rocco (2009, p. 3):

[...] para que a criança surda tenha consciência da utilidade e do prazer da linguagem escrita, deve-se ler para ela contos, escrever-lhes bilhetes e cartões, ler com ela, consultar anúncios, rótulos, etiquetas e livros na sua presença. Nestas atividades, a língua de sinais tem papel fundamental, na medida em que é por meio dela que os textos vão se tornar significativos em um primeiro momento.

O professor, tem seu papel primordial no processo de ensino, e sendo o principal agente modificador nas práticas e propostas educacionais, pois para acontecer um ensino diferenciado e que garanta a aquisição do Português da modalidade escrita para os surdos, faz necessário a adequação de um ensino especializado, assim como destaca Quadros (1997, p.33):

- a) o professor deve ter habilidade para levar cada criança a identificar-se como um adulto bilíngue;
- b) o professor deve conhecer profundamente as duas línguas, ou seja, deve conhecer aspectos das línguas requeridos para o ensino da escrita, além de ter bom desempenho comunicativo;
- c) o professor deve respeitar as duas línguas, isso não significa tolerar a existência de uma outra língua, reconhecendo o estatuto linguístico comum a elas e atentando às diferentes funções que cada língua apresenta para a criança.

As práticas de ensino no processo de aquisição são primordiais para se garantir um ensino significativo para a crianças surdas. A maioria dos métodos que se desenvolvem partem de uma perspectiva de associação – Figura – Sinal – Palavra – similarmente ao processo de um ouvinte, mas com o suporte da língua de sinais (PEREIRA; ROCCO, 2009). Fernandes (2006), ainda destaca algumas implicações nesse processo de ensino, como podemos observar no quadro abaixo:

Quadro 1 – Implicações no processo de ensino da L2 para surdos

Procedimentos adotados na alfabetização	Implicações para a aprendizagem de alunos surdos
<ul style="list-style-type: none"> • Parte-se de conhecimento prévio da criança sobre a língua português, explorando-se a oralidade: narrativas, piadas, parlendas, trava-línguas, rimas, etc. 	<ul style="list-style-type: none"> • Não há conhecimento prévio internalizado; a criança não estrutura narrativas orais e desconhece o universo “folclórico” da oralidade.
<ul style="list-style-type: none"> • O alfabeto é introduzido relacionando-se letras e palavras do universo da criança: nomes, objetos da sala de aula, brinquedos, frutas, etc. Ex: A de abelha, B de bola, O de 	<ul style="list-style-type: none"> • Impossibilidade de estabelecer relações letra x som; a criança desconhece o léxico (vocabulário) da língua portuguesa, já que no ambiente familiar sua comunicação restringe-se a gestos naturais ou

ovo...	caseiros (na ausência da língua de sinais).
<ul style="list-style-type: none"> • As silabas iniciais ou finais das palavras são destacadas para a constituição da consciência fonológica e percepção que a palavra tem uma reorganização interna (letras e sílabas). 	<ul style="list-style-type: none"> • A percepção de sílabas não ocorre já que a palavra é percebida por suas propriedades visuais (ortográficas) e não auditivas.
<ul style="list-style-type: none"> • A leitura se processa de forma linear e sintética (da parte para o todo), ao pronunciar sequências silábicas a criança busca a relação entre as imagens acústicas internalizadas e as unidades de significado (palavras). 	<ul style="list-style-type: none"> • A leitura se processa de forma simultânea e analítica (do todo para o todo); a palavra é vista como uma unidade compacta; na ausência de imagens acústicas que lhes confirmam significado, as palavras são memorizadas mecanicamente, sem sentido.

Fonte: Adaptado de Fernandes (2006).

Essas implicações possibilitam alguns percalços no domínio da modalidade escrita do Português, no qual Ferreira Costa (2001, s/p), destaca algumas dessas realidades vivenciadas pelos surdos:

- A aquisição da L1(Libras) após seis ou sete anos de idade, que normalmente é a época em que a maioria das crianças surdas chega à escola. Muitas dessas crianças só utilizam gestos caseiros e têm dificuldade para aprender, mesmo que os professores sejam fluentes em Libras;
- A maioria dos professores que lidam com essas crianças não domina[m] a Libras e tem dificuldades para interagir com as crianças que chegam à escola apenas com gestos caseiros;
- Ao entrar para a escola, além de aprender uma língua com a qual possa se comunicar, essa criança deve aprender toda a rotina da escola e assimilar diversos conceitos que as crianças ouvintes já dominam. Tem também de lidar com as relações interpessoais, com professores e colegas e com as rotinas escolares;
- Essa criança começa a aprender a língua escrita – o Português, ao qual ela não domina na sua forma oral e, portanto, não pode servir de base para esse aprendizado. Entretanto, essa língua não lhe é ensinada como L2, o que deveria ser feito, mas a alfabetização e a introdução à escrita, além de pressuporem diversos conhecimentos prévios de língua que ela não possui, ainda se baseia, na maioria das vezes, nos fonemas da língua oral.

Mesmo compreendendo que o ensino do Português começa desde os anos iniciais e isso acontece de forma natural, nas maiores situações os surdos não se deleitam nesse universo. Nos casos de surdos filhos de pais ouvintes, o contato com a Libras não acontece naturalmente, e adquirem a sua língua natural de forma tardia, que conseqüentemente afeta diretamente o seu processo de ensino, pois dentro das escolas eles começam o contato com sua primeira língua para depois adquirir o Português como L2 (SILVA, 2016).

Todavia, fatores como a má qualidade de ensino, têm interferido no meio educacional e nos métodos de ensino direcionado para os surdos. Conseqüente a isso, em seguida teremos os resultados que têm influenciado diretamente na aquisição do Português como L2 na modalidade escrita para os alunos surdos.

5 PERCURSO METODOLÓGICO

A trajetória metodológica desenvolvida nessa pesquisa se adequou em um objetivo exploratório, descritivo e explicativo, visando conhecimento de informações relacionadas à problemática traçada para o foco da nossa pesquisa. Quanto ao método de procedimento utilizado, adotamos uma abordagem qualitativa, pois se trabalhou com fatos já comprovados das vivências educacionais, e quanto o procedimento técnico, ocorreu por meio de uma pesquisa bibliográfica, de forma a possibilitar uma interlocução entre os trabalhos já desenvolvidos por outros pesquisadores, trazendo assim um suporte de comprovação e promovendo uma consolidação para o embasamento da problemática levantada, assim como define Lakatos e Marconi (2003, p. 183), “a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

O procedimento de pesquisa bibliográfico, se decorreu pelos benefícios que se amplia de trabalhar no campo da pesquisa, tornando possível analisar os frutos dos resultados de outros trabalhos já publicados e produzir um estudo inovador que possibilite olhar a educação dos surdos a partir de um novo lócus. Dessa maneira também se precisou trabalhar de forma mais segura, em vista ao momento pandêmico da COVID-19, que reduziu as possibilidades de fazer pesquisa.

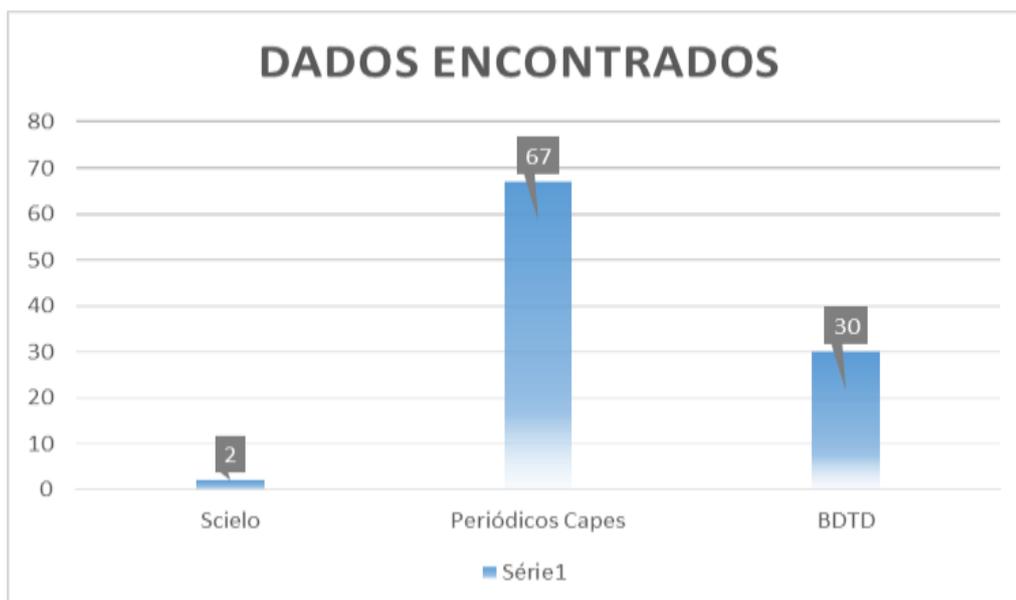
O levantamento bibliográfico dessa nossa pesquisa foi realizado dentre os meses de agosto a setembro do ano de 2021, a partir de bancos de dados bibliográficos, que foram o *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), periódicos capes e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Esses portais digitais são fontes *online* que dispõem de trabalhos científicos e possibilitaram uma pesquisa segura e valorosa.

Na coleta de dados, foi utilizado o descritor: “Aquisição da escrita por surdos”, que gerou os primeiros dados para a nossa pesquisa. Os critérios de inclusão para a nossa pesquisa, foram trabalhos científicos, como artigos, teses e dissertações com a temática do estudo, escritos no idioma do Português, publicados entre os anos de 2016 e 2021, que expusessem a temática a partir do título ou resumo. Para o detalhamento dos resultados, os dados foram tratados de forma descritiva, a partir da exposição de quadros, e analisados e discutidos com base na literatura propícia.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir do descritor que especificou a nossa busca delimitando a temática, tivemos um total de 99 trabalhos encontrados apenas com o critério de idioma e filtrados entre os anos de 2016 e 2021. Como nos mostra o gráfico a seguir, dos 99 encontrados, 2 foram da plataforma *Scielo*, 67 da Periódicos Capes e 30 da biblioteca digital BDTD.

Gráfico 1 - Dados iniciais da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Destes dados iniciais, foram selecionados os que condiziam e traziam os resultados necessários para a temática do estudo. Colocados os critérios de inclusão e exclusão, 92 destes foram descartados, resultando apenas em 7 dos 99 encontrados nos dados iniciais.

Quadro 2 – Relação de trabalhos selecionados para análise.

Título	Autores	Ano	Tipo	Revista
Português como segunda língua para surdos: a escrita construída em situações de interação mediadas pela Libras	ALMEIDA	2016	Tese	UFSC- Repositório
Práticas de ensino de Língua Portuguesa escrita como segunda língua para surdos	SILVA, W.	2016	Dissertação	UFG- Repositório
Proposta bilíngue na educação de surdos: práticas pedagógicas no processo de alfabetização	MORET; ROSSAROLLA; MENDONÇA	2017	Artigo	RIAEE – Revista Ibero- Americana de Estudos em Educação
Sujeito, linguagem e transmissão: perspectivas para o ensino de libras/Português escrito na educação básica bilíngue	SILVA, P.	2018	Dissertação	UFG- Repositório
A proposta bilíngue na educação de surdos: práticas pedagógicas no processo de	MORET; RODRIGUES	2019	Artigo	Holos

alfabetização no município Colorado no Oeste/Rondônia				
A categoria determinante na aquisição de Português (L2) escrito por surdos	ABREU	2020	Dissertação	UNB- Repositório
Educação bilíngue para surdos: inquietações sobre a aquisição da escrita em Língua Portuguesa.	CAVALHO	2020	Tese	UCP- Repositório

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

No quadro 3, traçamos os resultados encontrados nas biografias selecionadas, e foram destacamos os principais enfrentamentos para que aconteça na educação do surdo um ensino que possibilite a aquisição da língua nacional do seu país, no caso do Português como L2 na modalidade escrita.

Quadro 3 – Resultados encontrados

Autores	Títulos	Resultados
ABREU	A categoria determinante na aquisição de Português (L2) escrito por surdos	- O processo de aquisição do Português escrito só acontece na interferência da L1; - Um processo de interlíngua
ALMEIDA	Português como segunda língua para surdos: a escrita construída em situações de interação mediadas pela Libras	- A aquisição do Português só acontece quando de fato ele é colocado como L2, partindo da necessidade da interação da língua de sinais como suporte de sentido.
CARVALHO	Educação bilíngue para surdos: inquietações sobre a aquisição da escrita em Língua Portuguesa.	- Modelo inclusivo vigente, ver-se que o ensino do Português é tido como L1 tanto para os ouvintes quanto para os surdos; - Em sala bilíngue o ensino do Português é caracterizado com L2; - Existe uma necessidade de que haja um pleno domínio da L1 para se obter a L2; - O desafio de se adequar a um ensino do Português como L2 está relacionado a formação inicial e continuada nos profissionais.
MORET;	A proposta bilíngue na	- A não implantação do

RODRIGUES	educação de surdos: práticas pedagógicas no processo de alfabetização no município Colorado no Oeste/Rondônia	<p>modelo bilíngue nas redes de ensino público, acarretas consequências na formação do aluno surdo;</p> <ul style="list-style-type: none"> - A falta de planejamento e a não adequação para um ensino especializado, tanto de profissionais das salas multifuncionais e dos professores deixam sequelas no ensino do alunado surdo; - Ver-se a necessidade de uma educação para os surdos que aconteça de forma natural da mesma forma do aluno ouvinte, e não de forma tardia; - Bom desempenho de alunos a partir de uma adequação do ensino, de forma bilíngue.
MORET; ROSSAROLLA; MENDONÇA	Proposta bilíngue na educação de surdos: práticas pedagógicas no processo de alfabetização	<ul style="list-style-type: none"> - Necessidade de um ensino diferenciado, fundamentado no modelo bilíngue; - Só o bilinguismo pode proporcionar uma aquisição do Português com L2, respeitando a sua língua materna.
SILVA, W.	Práticas de ensino de Língua Portuguesa escrita como segunda língua para surdos	<ul style="list-style-type: none"> - O ensino do Português com L2 não se efetiva no cotidiano escola, quando se encontra o surdo com pleno domínio da sua língua, pois a L1 dará suporte a L2, e não de forma simultânea; - O ensino do surdo não se dar apoiado do intérprete, ele não faz o papel do professor, cada qual precisa tomar seu lugar, e trabalharem em conjunto; - Dificuldades dos docentes em avaliarem o aluno surdo, pois muitos possuem um domínio

SILVA, P.	Sujeito, linguagem e transmissão: perspectivas para o ensino de libras/Português escrito na educação básica bilíngue	limitado do Português. - A escassez de escolas bilíngues para os surdos, a falta do ensino de Libras nas escolas, inexistência de materiais didático-pedagógicos bilíngue, impossibilita um ensino de qualidade que aconteça a alfabetização do aluno surdo, com o domínio do Português escrito.
------------------	--	---

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

As obras selecionadas e coletadas, são produções de teses e dissertações. Dentre esses, apenas dois são artigos publicados em revistas distintas, que não possuíram obrigatoriedade acadêmica. Em sua maioria, os autores partem de uma abordagem de pesquisa-ação e procuram analisar as problemáticas a partir das realidades dos campos explorados, como também utilizam da natureza aplicada, a título de exemplo, Abreu (2020), Moret & Rodrigues (2019) e Silva, W. (2016), que empregam o meio estudado como um experimento de comprovação.

Confirmamos que apenas os autores Moret, Rossarolla e Mendonça (2017), bem como Carvalho (2020), desenvolveram trabalhos de pesquisa bibliográfica, assim como percorreu nosso estudo, e obtiveram grandes contribuições e respostas precisas para a nossa problemática. Porém, observamos que o campo de pesquisa sobre essa problemática ainda não se compõe de um vasto acervo de materiais que se desenvolvem a partir dessa temática, e, principalmente, os trabalhos com metodologia de pesquisa bibliográfica.

Os autores trouxeram grandes contribuições para o desenvolvimento desse trabalho, servindo de comprovação no que foi levantado inicialmente no nosso estudo. Além dos autores serem o meio possível de comprovação, também foram canais que permitiu o olhar sobre a prática da educação dos surdos e relatores do cenário atual, já que em quase sua totalidade foram pesquisas desenvolvidas na vivência educacional.

Algumas obras tiveram mais destaques que outras quanto aos resultados obtidos, pois trouxeram respostas concisas acerca da dificuldade no processo de aquisição do Português na modalidade escrita. Almeida (2016), pontua de forma significativa as contribuições da aquisição da escrita a partir do meio de interação da Libras como o suporte único de sentido na prática do ensino a LP para o surdo.

Almeida (2016), a partir de um estudo descritivo construído na oficina, em que se desenvolveu o trabalho do ensino do Português escrito por meio da interação da Língua de sinais como prática de comunicação e intercâmbio para a produção textual escrita, e trouxe um trabalho metodológico de reescrita a partir da contação de estória de aventura. O pesquisador afirma que é possível haver um desenvolvimento no processo da aquisição da escrita, no qual os surdos garantem a proficiência na L2, mas que nesse processo pode acontecer alguns desafios quando se trata do ensino regular.

O ensino referente à surdez na educação regular se caracteriza ainda como um ensino limitado, dedicado apenas para a comunidade ouvinte. Para Almeida (2016), não se desenvolve as práticas de aquisição do Português escrito para os

surdos, pois a Libras não é centralizada no meio desse processo. Desse modo os sujeitos surdos não são incluídos de fato nas salas de aula, são apenas depositados.

A obra de Almeida (2016) e de outros autores dos nossos dados, como Carvalho (2020), Moret & Rodrigues (2019), Moret; Rossarolla; Mendonça (2017), e Silva, P. (2018), apresentam o modelo bilíngue como um ideário de ensino voltado para da educação do surdo. Afirmam que só dessa maneira possibilitariam um ensino especializado para atender as suas demais necessidades. Além disso, Moret & Rodrigues (2019), ainda nos trazem que a não implantação da educação bilíngue para o ensinar dos surdos ocasionam prejuízos para a formação desse alunado, e é por isso que o contexto atual não traz resultados positivos.

Nos resultados descritos pelos autores, também se destacavam as lacunas na aquisição da língua natural dos surdos, a Libras. Os estudos que tiveram alunos surdos como os objetos centrais de suas pesquisas, perceberam que muitos desses não tinham do pleno domínio da sua língua e quando dominavam a sua L1, lhes tinha sido ofertada de forma tardia apresentando dificuldades em sua formação. Tal problemática representa um dos maiores desafios desse processo, pois todos os autores selecionados, que trouxeram resultados da nossa pesquisa, como Abreu (2020), Almeida (2016), Carvalho (2020), Moret & Rodrigues (2019), Moret; Rossarolla; Mendonça (2017), Silva, W. (2016), e Silva, P. (2018), caracterizam o ensino do Português a partir do suporte de sentindo que sua língua natural produz, sem o pleno domínio da Libras pela pessoa surda, o processo da aquisição da escrita se dificulta.

Ainda refletindo sobre o processo tardio de aquisição da linguagem, podemos notar que os surdos sofrem influências no seu processo de escolarização e interferências de um ensino que não é especializado. No estudo de Moret & Rodrigues (2019), com uma participante surda, no qual encontrava-se no 1º ano do ensino médio, a fase final da escolarização do ensino regular, constatou-se que ela ainda não dominava o Português na modalidade escrita.

De maneira também relevante, encontramos resultados que demonstrava falhas no papel dos docentes em relação à educação de alunos surdos. Moret & Rodrigues (2019) e Silva, W. (2016), trazem contribuições para entendermos essa conjuntura, refletindo sobre a docência perante esse processo importante do ensinar, que mostra que muitos dos professores não compreendem o processo distinto da educação de um ouvinte e de um surdo. Assim acabam não trazendo meios didáticos possíveis para serem trabalhados nos dois processos, em que muitos não planejam incluindo o alunado surdo. Silva, W. (2016), ainda afirma que a maioria dos professores das salas regulares precisam passar por uma formação continuada para estruturarem seu campo de conhecimento e atenderem o alunado surdo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa, procurou-se refletir sobre a aquisição da escrita do Português como segunda língua para os surdos e os seus desafios ao longo desse processo. Buscamos acompanhar a trajetória a partir de um panorama desafiador da educação dos surdos, que se perdurou durante muito tempo, e conseqüente a isso, trazendo o insucesso das implantações de métodos de ensino que não possibilitava um ensino preparado para este público.

Neste contexto, é perceptível que ainda há um déficit a respeito dessa oferta de ensino, ocorrendo de fato uma dificuldade quando se trata do Português em sua modalidade escrita. E isso tende a refletir consideravelmente na formação individual e psicossocial do indivíduo surdo, em que ele encontra barreiras em seu processo de socialização e garantia de uma educação bilíngue.

Nesta conjuntura, viu-se que uma das maiores problemáticas enfrentadas acontece em detrimento das lacunas no ensino na perspectiva de inclusão dos surdos em um ensino bilíngue. O ensino do Português só se faz possível quando existe uma interação com a sua primeira língua, que seria o suporte de sentido. Tornou-se notório que a maioria dos surdos chegam nas escolas sem o domínio ainda da sua L1, dificultando ainda mais e trazendo atrasos ao dominar a segunda língua.

Percebe-se também que a maioria dos docentes que participam desde a alfabetização desses alunos nos anos iniciais até os demais níveis de escolarização, como mostram os nossos autores, não apresentam habilidades e condições para ensinar o Português como L2 e isso interfere diretamente na qualidade de ensino em que lhes são ofertadas. Dado que a maior parte das instituições educacionais centralizam o ensino para os indivíduos ouvintes, de forma direta acabam excluindo os surdos. Conseqüentemente, esse ensino que as escolas regulares oferecem não se estrutura a metodologia Bilíngue, em que eles sofrem com o atraso do conhecimento podendo impactar negativamente em seu desenvolvimento na escolarização em curto e longo prazo.

A partir desse trabalho, também foi possível concluir que existe uma escassez nos estudos voltados a aquisição da LP na modalidade escrita para os surdos e há necessidade de abordagens futuras sobre a temática desenvolvida. Os materiais encontrados partiram, em sua maioria, de pesquisas em artigos, dissertações de mestrados e teses de doutorados, visto que, revistas e publicações em formato de artigos, ainda se encontram poucas desenvolvidas sobre essa problemática pesquisada. Portanto, espera-se que esse estudo contribua para o campo da pesquisa, e que a partir dele possam se desenvolver outros olhares e inquietações, que se preocupem sobre na ótica do ensino significativo para os surdos.

REFERÊNCIAS

ABREU, F. C. **A categoria determinante na aquisição de Português (L2) escrito por surdos**. 2020. 193 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística) —Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/38860>. Acesso em: 29 ago. 2021.

ALMEIDA, D. L. **Português como segunda língua para surdos: a escrita construída em situações de interação mediadas pela Libras**. Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/8756/TeseDLA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 29 ago. 2021.

ANDRADE, M. C. S.; PINHEIRO, M. O.; LIMA, J. W. B. A educação de surdos no contexto da educação especial: reflexões sobre a conjuntura da escolarização nacional. (in): PINHEIRO, M. O.; LIMA, J. W. B.; SILVA, A. M. (Orgs.) **Surdez e**

inclusão educacional: diálogos acadêmicos acerca da educação de surdos. Porto Alegre, RS: Editora Fi, p. 29-42, 2019.

ARRUDA, G. S. **Educação de surdos:** processos de aquisição da leitura e escrita. Monografia de conclusão realizada para a Especialização em Educação Especial – área da surdez do Centro Universitário La Salle – UNILASALLE. Canos, 2008.

ÁVILA-NÓBREGA, P. V. **O Estudo do Envelope Multimodal como uma Contribuição para a Aquisição da Linguagem.** 1. ed. Curitiba: Editora Appris, 2018.

BRASIL. **Decreto de nº 5.626. 22 de dezembro de 2005.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 20 set. 2021.

BRASIL. **Lei nº. 10.436, de 24 de abril de 2002 – Lei da Libras.** Brasília: Diário Oficial da República Federativa do Brasil, 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 20 set. 2021.

CARVALHO, M. E. **Educação bilíngue para surdos:** inquietações sobre a aquisição da escrita em Língua Portuguesa. 2020. 395 f. Tese (Doutorado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Ciências da linguagem. Doutorado em Ciências da linguagem, 2020. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/1403#preview-link0>. Acesso em: 29 ago. 2021.

COSTA, D. A. F. Um novo olhar sobre a singularidade: compreendendo a gênese da escrita de aprendizes surdos. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.8, n.1, 2002.

FERNANDES, S. F. **Práticas de letramento na educação bilíngüe para surdos.** Curitiba, SEED, 2006.

FREIRE COSTA, D. A. **A apropriação da escrita por crianças e adolescentes surdos:** interação entre fatores contextuais, L1 e L2 na busca de um bilingüismo funcional. Tese (Doutorado em Linguística) – FALE, UFMG, 2001.

GROLLA, E. **Aquisição da Linguagem.** Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2009.

GURJÃO, M. M. **Aquisição da linguagem oral e de sinais por uma criança ouvinte filha de pais surdos:** conhecendo caminhos. 2013. 122 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2013. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/786>. Acesso em: 20 set. 2021.

LABORIT, E. **O grito da gaivota.** Lisboa: Editorial Caminho, 2000.

LACERDA, C. B. F. **Um Pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos.** Cadernos CEDES vol. 19 n. 46. Campinas, set. 1998.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEITE, T. A.; QUADROS, R. M. Línguas de sinais do Brasil: reflexões sobre o seu estatuto de risco e a importância da documentação. In: STUMPF, Marianne; QUADROS, R. M.; LEITE, T. A. **Estudos da Língua Brasileira de Sinais II**. Florianópolis: Insular, 2014. Cap. 1. p. 15-28.

MORET, M. C. F.; RODRIGUES, J. G. F. **A Proposta Bilíngue na Educação de Surdos**: práticas pedagógicas no processo de alfabetização no município de colorado do oeste/Rondônia. *Holos*, Natal, Vol.35 (2), p.1-23, 2019. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/5933>. Acesso em: 29 ago. 2021.

MORET, M. C. F. F.; ROSSAROLLA, J. N.; MENDONÇA, J. G. R. **A Proposta Bilíngue na Educação de Surdos**: práticas pedagógicas no processo de alfabetização. *RIAAE–Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v.12, n.3, p. 1792-1801, 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8734>. Acesso em: 29 ago. 2021.

PEREIRA, M. C. C.; ROCCO, G. C., **Aquisição da escrita por crianças surdas – início do processo**. *Letrônica*, Porto Alegre v.2, n.1, p. 140, jul. 2009.

QUADROS, R. M. **Educação de Surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, R. M.; SCHMIEDT, M. L.P. **Idéias para ensinar Português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006. 120p.

SILVA, P. M. J. **Sujeito, linguagem e transmissão**: perspectivas para o ensino de libras/Português escrito na educação básica bilíngue. 2018. 103 f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/9015>. Acesso em: 29 ago. 2021.

SILVA, W. J. D. B. **Práticas de ensino de Língua Portuguesa escrita como segunda língua para surdos**. 2016. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2016. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/6747>. Acesso em: 29 ago. 2021.

SLOBIN, D. I. **Psicolinguística**. São Paulo: Ed. Nacional, EDUSP, 1980.